

Santíssima Trindade (31/05/2026)

«Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito.»

Que palavra tão admirável e luminosa para revelar o mistério da presença e da ação de Deus na história e no coração de cada um de nós! Nela encontramos a chave para compreender por que razão Deus Se fez carne, por que abraçou a cruz e por que ressuscitou para a vida nova. A resposta é simples e infinita ao mesmo tempo: o amor.

Deus veio ao nosso encontro porque nos ama. Aproximou-Se da humanidade não por necessidade, mas por um desejo profundo de partilhar connosco a riqueza da sua graça, a ternura da sua misericórdia e a plenitude da sua vida. Cada gesto de Deus é um gesto de amor; cada passo que dá em direção ao ser humano nasce do seu coração amante.

Neste Domingo da Santíssima Trindade, somos chamados a contemplar ainda mais profundamente este mistério do amor divino. Deus age assim porque, na sua própria essência, é amor. Como afirma São João Evangelista: «Deus é amor». Antes mesmo da criação do mundo, antes mesmo de entrar na história dos homens, já existia, no seio da própria vida divina, uma eterna circulação de amor, uma perfeita comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Quando professamos que Deus é Trindade, proclamamos que Deus não é solidão, mas relação; não é fechamento, mas comunhão; não é distância, mas dom recíproco. O amor que vemos derramado sobre o mundo é o mesmo amor que, desde toda a eternidade, une as Pessoas divinas: o Pai que ama eternamente o Filho na força do Espírito Santo.

Por isso, podemos afirmar que Deus age na história tal como é na sua eternidade. Os seus gestos no tempo deixam entrever o mistério do seu coração. Na criação, que chama o ser à existência; na encarnação, que abraça a nossa fragilidade; na cruz, que se entrega sem reservas; na ressurreição, que vence a morte; e no dom do Espírito, que renova todas as coisas, Deus revela aquilo que desde sempre é: comunhão infinita de amor, fonte inesgotável de vida que se derrama, se comunica e atrai toda a humanidade para a alegria da sua intimidade. Como afirma o teólogo Karl Rahner, a Trindade económica é a Trindade imanente, e a Trindade imanente é a Trindade económica; isto é, o Deus que Se manifesta na história da salvação não é outro senão o Deus que vive eternamente no mistério do seu ser trinitário.

Saber que, na origem de toda a criação, está o amor é uma das mais belas revelações que Deus ofereceu à humanidade. Não estamos lançados num

universo nascido do acaso, nem entregues a forças cegas e indiferentes à nossa sorte. No princípio de tudo não está o vazio, mas um coração que ama; não está a fatalidade, mas uma vontade de comunhão e de vida.

Dizer que o fundamento último da realidade é o amor significa reconhecer que a existência tem um sentido e uma direção. A história não caminha para o absurdo, mas para a plenitude; não se perde nas sombras do nada, mas avança para a luz da salvação. Tudo existe porque foi amado. Tudo permanece porque continua a ser sustentado por esse amor criador que, silenciosamente, sustém os astros no céu, as flores nos campos e a esperança no coração dos homens.

Que consolação saber que nunca caminhamos sozinhos! Em cada instante da nossa vida somos envolvidos por um amor maior do que nós, um amor que nos acompanha, nos protege, nos levanta das quedas e nos chama pelo nome. Mesmo quando não O vemos, Deus permanece junto de nós, como uma presença discreta e fiel, guardando os nossos passos e velando pelos nossos caminhos.

Esta certeza deve encher o nosso coração de esperança. Porque, acima de todas as forças que parecem dominar o mundo, acima da violência, da injustiça, da dor e da morte, existe uma força incomparavelmente maior: o amor de Deus. É ele que sustenta a criação, conduz a história e tem a última palavra sobre todas as coisas.

Por isso, quem repousa no regaço de Deus não tem razões para viver dominado pelo medo. Pode atravessar as tempestades sem perder a paz, caminhar pela noite sem deixar apagar a luz da confiança. Quem se sabe amado pelo Pai descobre que nada é mais forte do que esse amor e que nenhuma escuridão consegue vencer a claridade que dele irradia. Afinal, o amor foi o princípio de tudo e será também o seu glorioso cumprimento.

Saber que, no fim da nossa peregrinação terrena, nos espera o Amor é uma das mais luminosas fontes de esperança e de alegria. O coração humano teme a morte porque teme o desconhecido; receia que, para lá do último horizonte, exista apenas o vazio, o silêncio sem resposta, a solidão sem fim. No mais profundo de nós habita o receio de atravessar a última porta e não encontrar ninguém, de nos perdermos numa noite sem rosto nem abraço.

Mas a fé anuncia-nos uma notícia maravilhosa: para além do abismo da morte não está o nada, mas o Amor. Não caminhamos para o vazio; caminhamos para um encontro. No termo dos nossos dias não nos espera uma ausência, mas uma Presença. As mãos que nos teceram no segredo da criação serão as mesmas que nos acolherão quando os nossos olhos se fecharem para este mundo e se abrirem para a eternidade.

Que consolação saber que a última palavra da nossa existência não será a morte, mas o amor! Depois de todas as lutas, de todas as lágrimas e de todas as despedidas, seremos envolvidos pela ternura infinita de Deus.

O amor de Deus está na origem da vida humana e é também o seu destino derradeiro. Nascemos do amor e caminhamos para o amor. Viemos de Deus e regressamos a Deus. E, quando chegar a hora derradeira, descobriremos, com assombro e gratidão, que Aquele que nos esperava no fim do caminho era o mesmo que, desde o princípio, nos amou sem medida.

A Eucaristia é antecipação e penhor da comunhão plena com a Santíssima Trindade na glória do Céu. Que esta celebração vos envolva nas águas-vivas do amor divino, fonte de onde brota toda a vida e horizonte para o qual caminham os nossos passos. *Ámen.*

Ámen.

P. Emanuel Brandão